

DIAGNÓSTICO DO DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA ALTERNATIVA NO MUNICÍPIO DE UBÁ-MG¹

Patrícia Sperandio Duriguetto², Fabrício Oliveira Ramos³, Eliana de Oliveira Marques⁴, Viviane Modesto Arruda⁵

RESUMO – A agricultura convencional utiliza práticas de mecanização, correção e fertilização do solo e agrotóxicos para o controle de pragas e doenças. A crítica a este sistema de agricultura cresce à medida que estudos comprovam que os agrotóxicos contaminam os alimentos e o meio ambiente e causam danos à saúde. Objetivando o desenvolvimento sustentável e a busca da consolidação entre o social, o econômico e o ecológico, surge a agricultura alternativa. Este trabalho delinea-se no sentido de compreender o atual estágio, características, limites e as dificuldades para a implantação da agricultura alternativa no município de Ubá-MG. Além disso, busca-se identificar o conhecimento acerca dos produtos da agricultura alternativa, assim como o interesse e perfil de prováveis consumidores destes produtos no município. Realizou-se uma pesquisa quantitativa através da utilização de dois questionários, com questões de múltipla escolha e dicotômicas, de forma aleatória simples. Os resultados obtidos mostram que existem muitas dificuldades para o desenvolvimento da agricultura alternativa no município, entre as quais: a falta de recursos dos produtores, baixa escala de produção, falta de mercado consumidor e de conhecimento sobre o produto alternativo no município. Perante tais dificuldades, o sistema alternativo mostra-se vantajoso e competitivo tanto do ponto de vista econômico quanto ambiental comparado ao sistema convencional. Verificou-se a carência de informações em relação aos produtos orgânico-alternativos, uma vez que o acesso a estes é restrito para grande parte da população no município de Ubá e municípios limítrofes. Buscando embasamento teórico fez-se necessário, também, realizar uma pesquisa bibliográfica em diversos trabalhos que abordam o tema proposto.

Palavras-Chave: agricultura convencional, agricultura alternativa, consumidores, produtores.

DIAGNOSIS OF ALTERNATIVE DEVELOPMENT OF AGRICULTURE IN THE CITY OF UBÁ-MG

ABSTRACT – Conventional agriculture uses mechanization practices, remediation and soil fertilization and pesticides to control pests and diseases. The criticism of this farming system grows as studies show that pesticides contaminate food and the environment and cause health damage. Aiming at sustainable development and the pursuit of consolidation between the social, economic and ecological agriculture alternative arises. This work is outlined in order to understand the current status, characteristics, limitations and difficulties for the implementation of alternative agriculture in the municipality of Ubá-MG. Furthermore, we seek to identify the knowledge of agricultural alternative as well as the interest and profile of likely consumers of these products in the municipality. We conducted a quantitative research through the use of two questionnaires with multiple choice questions and dichotomous, by simple random sampling. The results show that there are many difficulties for the development of alternative agriculture in the county, including: a lack of resources for producers, small-scale production, lack of market and consumer knowledge about alternative product in the municipality.

¹ Parte da tese da primeira autora apresentada ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu MBA Gestão e Análise Ambiental da UNIVIÇOSA, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista. Recebido para publicação em 08/03/2013 e aprovado em 23/07/2013.

² Patrícia Sperandio Duriguetto. paty_sperandio3@hotmail.com

³ Professor Mestre da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

⁴ Professora Mestre da rede estadual da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais.

⁵ Professora Doutora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).



Given these difficulties, the alternative system seems advantageous and competitive both economically and environmentally compared to the conventional system. There was a lack of information regarding organic products, alternative, since access to these is restricted to much of the population in the municipality of Ubá and adjacent municipalities. Seeking theoretical basis it was necessary also to perform a literature search in several papers that address the theme.

Keywords: alternative agriculture, consumers, conventional agriculture, producers.

1. INTRODUÇÃO

A agricultura convencional caracteriza-se por utilizar variedades ou híbridos de alta produtividade, intenso e frequente preparo do solo, adubos minerais altamente solúveis e agrotóxicos para controle das populações de herbívoros, patógenos e plantas espontâneas. A intensa intervenção antrópica no solo, seguida de longos períodos de remoção da cobertura vegetal, acarreta o aumento das perdas de solo e contaminação da água (Santos & Campanha, 1998). Somente de agrotóxicos e/ou pesticidas mais de três milhões de toneladas são utilizadas no mundo por ano causando sérios problemas de contaminação, intoxicação, doenças agudas e crônicas além do incremento da resistência de pragas e das plantas daninhas (Guedes, 2001).

De acordo com Melo Filho (1999), a degradação ambiental tem um forte impacto no solo, devido à erosão que reduz a oferta do ambiente agricultável em cerca de seis milhões de hectares/ano, além da salinização, desvios de águas impróprias para a irrigação, destruição dos lençóis freáticos, entre outros.

Através da agricultura convencional bilhões de pessoas são alimentadas, porém a agressão ao ambiente é cada vez maior, sendo este o grande desafio da humanidade. Por meio de alternativas com o intuito de buscar o desenvolvimento sustentável e a sua consolidação entre o social, o econômico e o ecológico, e procurar sempre causar o menor dano a biodiversidade, tem-se a denominada agricultura alternativa (Mendes, 1997).

Este tipo de técnica agrícola tem como princípios e práticas encorajar ciclos biológicos dentro do sistema de agricultura para manter e aumentar a fertilidade do solo, minimizar todas as formas de poluição, evitar o uso de fertilizantes sintéticos e agrotóxicos, manter a diversidade genética do sistema de produção, considerar o amplo impacto social e ecológico do sistema de produção de alimentos, e produzir alimentos de boa qualidade em quantidade suficiente (Darolt, 2002).

No entanto, o mercado deste tipo de alimento enfrenta algumas dificuldades como a baixa escala de produção, falta de recursos dos produtores e de treinamento, desorganização do sistema de produção e do processo de comercialização, além da embalagem que pode encarecer o produto em cerca de R\$ 0,15/unidade e, ainda, a necessidade do pagamento da certificação, fiscalização e assistência técnica que, diferentemente do sistema convencional, representam custos adicionais aos produtores (Darolt, 2002). Adiciona-se a esses fatores o pouco conhecimento dos benefícios de tais produtos por parte dos consumidores.

Os pequenos produtores, por necessitarem de diversificação da produção, têm maior facilidade de adaptação aos princípios da agricultura orgânica, que segundo Harkaly (1999), são: diversificação, integração da propriedade, indução do equilíbrio ecológico, reciclagem de nutrientes, insumos caseiros, conservação do solo e o controle de pragas e doenças utilizando-se práticas ecológicas, além do uso de adubos orgânicos produzidos na própria fazenda, não agressiva ao meio ambiente (Ribeiro & Soares, 2002), sendo mais lucrativa para o produtor e às vezes com níveis de produtividade até maior do que a agricultura comercial.

Os produtos orgânicos são de restrito acesso, contudo, uma vez que seu potencial está em crescente expansão, intensifica a necessidade de compreender a cadeia produtiva e consumidora. O município de Ubá, segundo o IBGE, possuía 101.519 habitantes no ano de 2010 e não possui até a presente data nenhum produtor orgânico devidamente certificado, justificando portanto a necessidade de trabalhos de informação e pesquisa sobre o tema com os agricultores e consumidores da região de Ubá-MG.

Diante desta realidade, teve-se por objetivo compreender o atual estágio, características, limites e principalmente as dificuldades da implantação para o desenvolvimento da agricultura alternativa no município de Ubá-MG, além de identificar o conhecimento

acerca dos produtos da agricultura alternativa da população, assim como o interesse e perfil de prováveis consumidores destes produtos no município.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Na abordagem do problema, realizou-se uma pesquisa quantitativa através da utilização de dois questionários com questões de múltipla escolha e dicotômicas. Um voltado para consumidores de diversas classes sociais e o outro direcionado aos produtores agrícolas associados ao comércio no estabelecimento de feira livre da cidade de Ubá-MG.

Localizada na região central da cidade, o local foi escolhido em virtude de ser a única feira livre da cidade, sendo, tradicionalmente, um local de encontro de consumidores das mais diversas origens e classes sociais. Além disso, podem-se encontrar produtos alimentícios de gêneros variados e com frequência contínua as quartas-feiras e domingos.

A coleta dos dados realizou-se durante as quartas-feiras e domingos, dos meses de agosto e setembro de 2010, de maneira aleatória simples. Os dados foram tabulados e apresentados na forma gráfica, com auxílio do programa *Microsoft Excel*® 2010. Buscando embasamento teórico fez-se necessário realizar uma pesquisa bibliográfica em diversos trabalhos que abordam o tema estudado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a realização deste trabalho foram aplicados 100 questionários junto aos consumidores da feira-livre, sendo que no total da amostra da pesquisa, verificou-se que 45% dos entrevistados responderam saber o que é um produto orgânico/alternativo, e 55% responderam não ter conhecimento sobre o assunto (Figura 1). Segundo Carvalho (2002), a baixa procura por este tipo de alimento está relacionada à falta de conhecimento dos consumidores. Salienta-se que a continuidade da pesquisa baseava-se nas respostas afirmativas, uma vez que, com a falta de conhecimento sobre o produto orgânico/alternativo, não há como responder as próximas questões.

Do total de 45 entrevistados verificou-se que 87% haviam consumido algum produto orgânico/alternativo e 13% tinham conhecimento, mas nunca consumiram (Figura 2). A maioria dos entrevistados, que detêm conhecimento prévio sobre produtos orgânico-alternativos, são

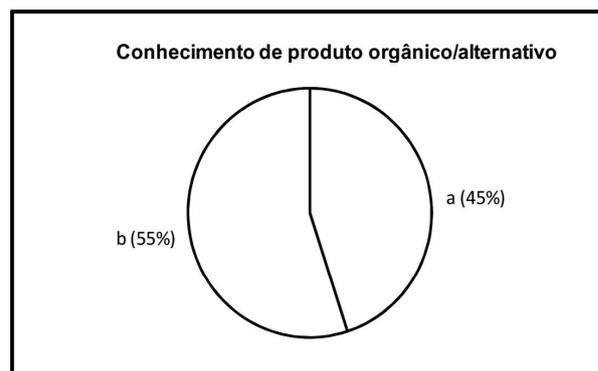


Figura 1 - Distribuição percentual do conhecimento dos consumidores sobre o que é um produto orgânico/alternativo: a) Pessoas que conhecem; b) Pessoas que não conhecem.

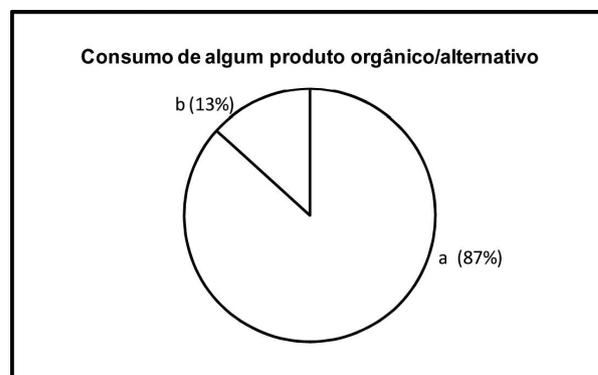


Figura 2 - Distribuição percentual do consumo de produtos orgânico/alternativo pelos consumidores: a) Pessoas que já consumiram; b) Pessoas que nunca consumiram.

consumidores de diversos tipos de hortaliças (couve, alface e almeirão), o fruto tomate e alguns tipos de legumes (cenoura, batata, inhame e pimentão), frutas e pseudofrutos (maçã, laranja, goiaba, mexerica e pera).

Em relação às diferentes formas de identificação do produto orgânico/alternativo pelos consumidores (Figura 3), 7% responderam que as pessoas lhe informam; 11% identificam por meio de cartazes; 2% disseram que identificam por meio do selo de certificação; outros 2% identificam pelo local de comercialização; 36% responderam que confiam nas informações obtidas junto ao produtor/comerciante sobre a origem do produto; por fim, a maior parte dos entrevistados optou por “nenhuma das alternativas anteriores”, totalizando 42%. Estes disseram identificar por meio da embalagem,

características do produto, pela cor e sabor do alimento orgânico/alternativo.

Considerando-se os critérios utilizados pelos consumidores para reconhecerem os produtos orgânico-alternativos, estes possuíam certo grau de desconhecimento sobre a identificação e o processo de certificação destes. Os resultados mostraram que parte da amostra (36%) confia no produtor/comerciante. Neste sentido, Darolt (2003) afirmou que as estratégias de identificação baseiam-se nas relações de confiança que, normalmente, têm raízes em um processo histórico ou de reconhecimento e reputação em âmbito local ao levar em conta que esta é a melhor garantia de procedência e qualidade. Vale ressaltar a inexistência de produtores devidamente certificados no município de Ubá e microrregião, uma vez que, de acordo com Schimaichel & Resende (2006), 65% da produção orgânica certificada é destinada ao mercado internacional e o restante é distribuído nas grandes cidades do país, e que ainda existem no Brasil cerca de 13 mil produtores que produzem organicamente e não tem certificação (Gazzoni, 2002). Portanto, 2% de entrevistados que responderam que reconhecem os produtos orgânico/alternativos por meio do selo de certificação que reconheceram e/ou compraram esse tipo de produto em supermercados ou em outras cidades.

Quanto aos benefícios dos produtos orgânico-alternativos (Figura 4), 62% dos entrevistados relatam



Figura 3 - Distribuição percentual das diferentes formas de identificação dos produtos orgânico/alternativos pelos consumidores: a) as pessoas lhe informam; b) por meio de cartazes; c) pelo selo de certificação; d) pelo local de comercialização; e) pela confiança no produtor/comerciante; f) nenhuma das alternativas anteriores.

que a principal vantagem ao escolherem estes produtos é a ausência de substâncias “químicas” no processo produtivo. Equiparando com pesquisa similar de Carvalho (2002), o qual obteve a maior porcentagem nos resultados com 55%. Atribuiu-se também a estes produtos a maior qualidade nutricional e o sabor mais acentuado (36%), que na pesquisa de Carvalho (2002) obteve 45% das respostas, sendo a segunda resposta mais obtida.

Portanto, comprova-se que os consumidores deste tipo de alimento conhecem e percebem a diferença nutritiva e de sabor existente entre um alimento cultivado de forma convencional e outro cultivado de maneira orgânica. De acordo com Hamerschmidt (2003), os alimentos cultivados de forma alternativa podem conter mais vitaminas, sais minerais e maior valor nutricional, tornando-se mais saboroso. Apenas 2% dos entrevistados reconhecem como principal vantagem a preservação do ambiente na prática agrícola deste produto, demonstrando que ainda falta informação sobre sustentabilidade para a população. Entretanto, pesquisa encomendada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Paraná (SEBRAE-PR) e realizada pelo Instituto DATACENSO de Pesquisas nos estados do Sul e Sudeste do Brasil mostrou que a principal vantagem que as pessoas atribuem a estes tipos de produtos é serem mais saudáveis e depois serem produzidos sem agrotóxicos (Darolt, 2003).

Ao investigar a disposição de incluírem produtos orgânicos em sua alimentação (Figura 5), 98% dos entrevistados responderam que “sim” e apenas 2%



Figura 4 - Distribuição percentual dos principais benefícios dos produtos orgânico/alternativos pelos consumidores: a) sem substâncias “químicas”; b) mais saudável e nutritivo; c) preservação do meio ambiente.

responderam não estarem dispostos a incluírem estes produtos em sua alimentação. De acordo com o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social e Instituto Agrônomo do Paraná (IPARDES, 2007), em pesquisa realizada com consumidores da Região Sudeste, confirma-se o interesse destes a incluírem os produtos orgânico-alternativos devido à questão da saúde para prevenção de doenças.

Ao considerar se os consumidores estão dispostos a pagarem mais pelos produtos orgânicos em relação aos produtos convencionais (Figura 6), 91% mostraram-se disponíveis a valorizar mais estes produtos.

Neste sentido há de se considerar que apenas uma pequena parcela dos entrevistados quer pagar

o mesmo preço que o produto convencional (9%), onde revela que as pessoas reconhecem a importância e valorizam o comércio dos produtos orgânico-alternativos. Estes dados podem ser comprovados, em outra pesquisa de opinião pública sobre os alimentos orgânicos, realizada pelo Instituto *Gallup* no município de São Paulo. Os resultados evidenciam que os compradores de legumes e verduras têm consciência da toxicidade e da dificuldade de produzi-los sem agrotóxicos, por isso, esses consumidores admitem pagar entre 20% e 30% a mais pelos produtos orgânicos, desde que devidamente assegurados de que estes são mais saudáveis que os produtos convencionais (IPARDES, 2007).

Com o intuito de avaliar a média da renda familiar mensal dos entrevistados que afirmaram conhecer produtos orgânico-alternativos (Figura 7), pode-se considerar que 7% responderam que a família obtém até 1 salário mínimo; 53% entre 2 a 3 salários mínimos; 20% dos entrevistados entre 3 a 5 salários mínimos; 18% adquirem uma renda entre 5 a 7 salários mínimos; e 2% superior a 7 salários mínimos.

Os resultados obtidos em relação à média da renda familiar mensal comprovam que a classe financeira dos entrevistados não está diretamente relacionada com o conhecimento de produtos orgânico-alternativos, pois houve certo equilíbrio nos percentuais das classes médias. Vale ressaltar que esta pesquisa dava-se por encerrada quando o entrevistado não conhecia nenhum produto orgânico.



Figura 5 - Distribuição percentual dos consumidores dispostos a incluir produtos orgânico/alternativos na alimentação: a) Sim; b) Não.



Figura 6 - Distribuição percentual dos consumidores em relação a quanto pagariam pelos produtos orgânicos em relação aos produtos convencionais: a) Mais que o produto convencional; b) O mesmo que o produto convencional.

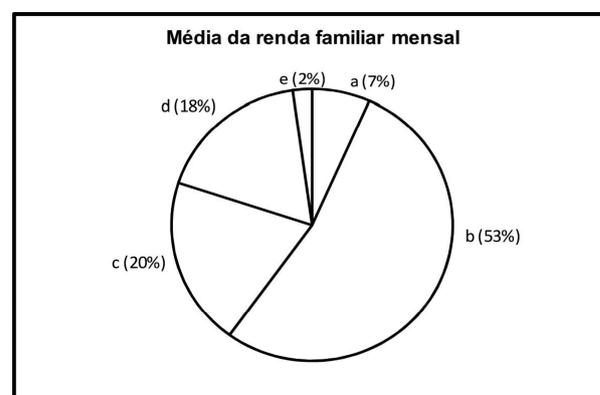


Figura 7 - Distribuição percentual da média da renda familiar mensal dos consumidores: a) até 1 salário mínimo; b) entre 2 a 3 salários mínimos; c) entre 3 a 5 salários mínimos; d) entre 5 a 7 salários mínimos; e) superior a 7 salários mínimos.



Considerando as dificuldades dos consumidores para adquirirem produtos orgânico-alternativos (Figura 8), os resultados revelam que grande parte acredita ser por desconhecimento da população (47%), seguido pelo preço elevado (29%) e por não haver no mercado (22%). E, por fim, 2% dos entrevistados afirmaram que a divulgação destes produtos é deficiente. Carvalho (2002) mostrou que a dificuldade para adquirir este tipo de produto, em primeiro lugar, era não haver no mercado (34%), em segundo, a pouca divulgação (28%) e, em terceiro, a do preço (15%), que de acordo com Darolt (2001), o preço dos alimentos orgânico-alternativos pode ser considerado como um dos entraves para o rápido desenvolvimento da produção orgânica no Brasil.

Outro fator seria a falta de mercado que obteve porcentagem significativa, onde outros estudos revelaram que sete em cada dez pessoas consumiriam produtos orgânicos se houvesse mais oferta nos supermercados e feiras (Roel, 2002). Com isso, entende-se que a informação destes produtos varia de amplitude de uma cidade para a outra, sendo importante destacar que o desafio de levar o alimento orgânico/alternativo para as outras camadas da população não está relacionado apenas aos aspectos técnicos e econômicos, mas também aos aspectos políticos e sociais (Darolt, 2003).

Totalizaram-se 42 questionários aplicados aos produtores da cidade de Ubá e municípios limítrofes

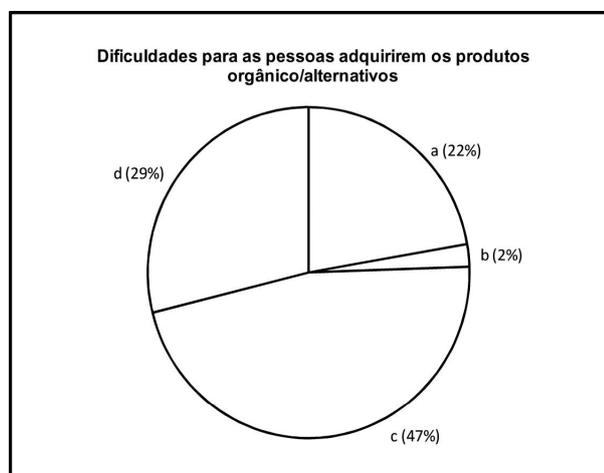


Figura 8 - Distribuição percentual das dificuldades dos consumidores para adquirirem os produtos orgânico/alternativos: a) por não haver no mercado; b) pela pouca divulgação destes produtos; c) por desconhecimento da população; d) pelo preço.

que comercializam na feira-livre. Com intuito de avaliar o tempo que exerce na profissão (Figura 9), verificou-se que 2% dos entrevistados responderam serem produtores agrícolas de 1 a 5 anos; 5% de 5 a 10 anos; 12% de 10 a 15 anos; e 81% a mais de 15 anos.

Ao investigar qual o tipo de alimentos os produtores produzem na região, o número total de opções escolhidas pelos entrevistados foi de 98, onde obteve-se 25,6% das respostas para hortaliças (alface, couve, almeirão, entre outras); 12,3% para grãos e cereais (arroz, feijão, lentilha, entre outros); 14,3% para tubérculos (batata doce, cenoura, cebola, entre outros); 22,3% para legumes (chuchu, abóbora, entre outros); e 25,5% para frutos e pseudofrutos (tomate, maçã, abacate, limão, laranja, entre outros).

Os resultados obtidos em relação ao tipo de alimentos produzidos e comercializados na região comprovam que se podem encontrar produtos alimentícios de gêneros variados na feira-livre, pois houve certo grau de equilíbrio nas opções escolhidas pelos produtores. Vale ressaltar que embora fossem 42 entrevistados, eles podiam escolher mais de uma opção, uma vez que não produzem apenas um tipo de alimento.

Quando se tratou de qual a prática agrícola utilizada pelos entrevistados (Figura 10), 62% dos resultados foram à prática convencional; 19% para a alternativa; e 19% para ambas. Os resultados indicam que a maioria dos produtores (62%) utiliza a prática convencional no município e microrregiões vizinhas, o que comprova um levantamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) onde aponta que a

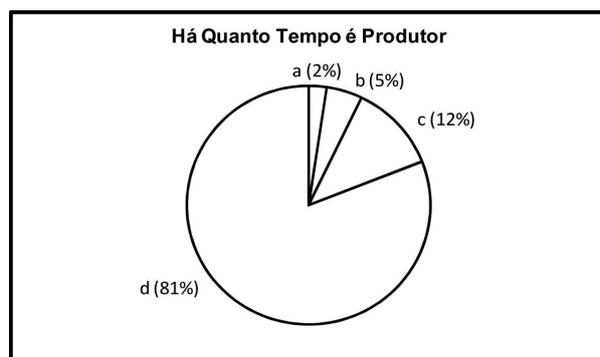


Figura 9 - Distribuição percentual do tempo que os entrevistados exercem na profissão de produtores agrícolas: a) de 1 a 5 anos; b) de 5 a 10 anos; c) de 10 a 15 anos; d) a mais de 15 anos.

agricultura orgânica é responsável por apenas 1% da produção de alimentos no Brasil (Navarro Filho, 2002).

Contudo, obteve-se valor percentual significativo (19%) para a prática alternativa, podendo ser levado em consideração o crescimento da taxa anual da agricultura orgânica brasileira (Neves, 2005). Para a utilização de ambas as técnicas (19%), alguns produtores costumam utilizar a agricultura convencional e orgânica ao mesmo tempo (Santos & Monteiro, 2004). Observa-se que nenhum desses produtores que utilizam a agricultura alternativa possui certificação.

Com intuito de investigar qual a prática agrícola que os produtores agrícolas consideram mais vantajosa (Figura 11), verificou-se que 33% dos entrevistados responderam que é a prática convencional e 67% optaram pela prática alternativa. Entre as vantagens apresentadas

pela prática convencional, os entrevistados apontaram: facilidade para combater pragas, menor investimento financeiro, menor exigência de mão-de-obra e, além disso, os alimentos apresentam melhores características.

Os produtores que optaram pela prática alternativa (67%) apontaram como vantagens desta prática, a produção de alimentos mais saudáveis e naturais, o menor custo de produção, além disso, não apresentam agrotóxicos, protegem o meio ambiente e afirmam, ainda, que a produção é melhor. Estes resultados foram evidenciados em outras pesquisas em que a técnica alternativa pode apresentar algumas dificuldades como a baixa escala de produção (Darolt, 2002), mas apresentam vantagens como menor custo de produção e preservação do meio ambiente (Campos, 2004). Diante de alguns entraves, outros estudos comparativos entre os sistemas alternativo e convencional mostraram que o primeiro pode ser vantajoso e competitivo tanto do ponto de vista econômico quanto ambiental (Darolt, 2002).

Ao perguntar os produtores se a agricultura convencional traz prejuízos (Figura 12), 24% dos produtores disseram “Sim” e 76% responderam que “Não”. Os 24% dos entrevistados consideram que a prática convencional traz prejuízos porque prejudica a saúde, contamina o meio ambiente e o custo de produção é maior devido à compra de agrotóxicos. Contudo, 76% dos produtores consideram que a técnica tradicional não traz prejuízos por apresentar produção em maior escala. Apesar de 67% dos entrevistados considerarem a prática alternativa mais vantajosa, também afirmam que a técnica convencional não traz prejuízos, além de 62% dos produtores utilizarem a prática convencional.

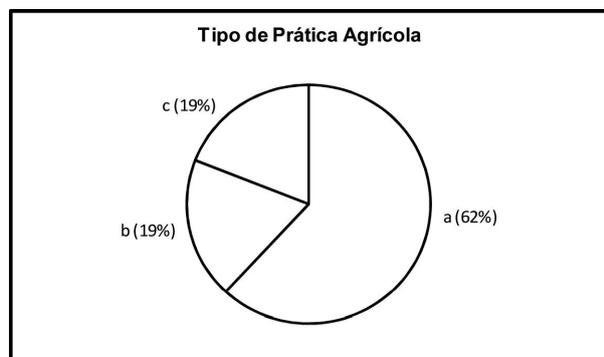


Figura 10 - Distribuição percentual da prática agrícola utilizada pelos produtores: a) prática convencional; b) prática alternativa; c) ambas.

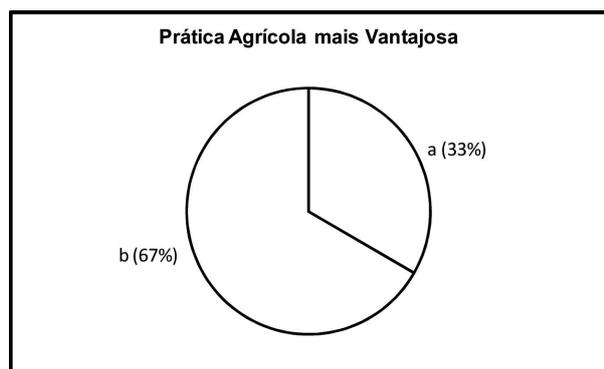


Figura 11 - Distribuição percentual da prática agrícola que os produtores consideram mais vantajosa: a) prática convencional; b) prática alternativa.

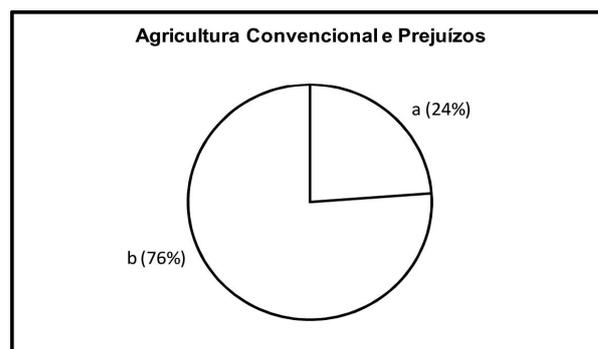


Figura 12 - Distribuição percentual dos produtores que consideram que a agricultura convencional traz prejuízos: a) Sim; b) Não.

Quando os produtores foram indagados se sabem o que é um produto orgânico/alternativo (Figura 13), 64% dos entrevistados disseram que “Sim” e 36% responderam que “Não”. Os resultados mostram que há falta de conhecimento dos produtores e dos consumidores na cidade de Ubá, uma vez que os dados obtidos tiveram valores significativos tanto para os produtores (36%) quanto para os consumidores (55%).

Aos 64% entrevistados que disseram saber o que é um produto orgânico/alternativo perguntou-se qual a principal vantagem que atribui a este tipo de produto, onde as respostas dos produtores foram: serem mais saudáveis, não conterem agrotóxicos e protegerem o meio ambiente, respectivamente, sendo comprovado por Darolt (2003) em pesquisa realizada nos estados do Sul e Sudeste do Brasil.

Com a finalidade de detectar quais as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento da agricultura orgânico-alternativa no município de Ubá (Figura 14), obtiveram-se os seguintes resultados: 21% apontaram a baixa escala de produção; 24% acreditam ser a falta de recursos dos produtores e de treinamento, que segundo Darolt (2002) representa o principal entrave para a produção; 12% consideram que a dificuldade está na falta de mercado consumidor e de conhecimento sobre o produto alternativo no município. Esta última informação foi comprovada pela pesquisa, realizada neste trabalho junto aos consumidores se conhecem ou não produtos orgânicos (representada na Figura 06) e por Carvalho (2002); e 43% consideram outras causas como empecilho para este tipo de produção agrícola: difícil controle



Figura 13 - Distribuição percentual do conhecimento dos produtores sobre o que é um produto orgânico/alternativo: a) Sim; b) Não.

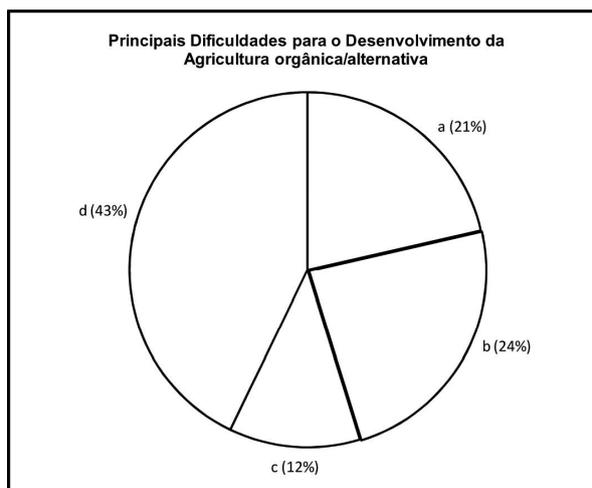


Figura 14 - Distribuição percentual das principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento da agricultura orgânico-alternativa no município de Ubá: a) baixa escala de produção; b) falta de recursos dos produtores e de treinamento; c) falta de mercado consumidor e de conhecimento sobre o produto alternativo no município; d) outros entraves.

de pragas, falta de mão-de-obra para manejo e produtos com características externas inferiores aos obtidos da prática agrícola convencional.

Nenhum produtor considerou a desorganização do sistema de produção e do processo de comercialização, a embalagem diferenciada, a certificação e fiscalização, e a distribuição que deve ser realizada diariamente, como entraves para a utilização desta prática agrícola.

Através dos resultados obtidos percebe-se uma porcentagem significativa na falta de recursos dos produtores e de treinamento (24%), em que estes apontam falhas e descaso dos órgãos competentes no setor agrícola, e na baixa escala de produção (21%). Campanhola & Valarini (2001) e Darolt (2001) comprovam com suas pesquisas ao indicarem estes entraves como principais dificuldades da produção de alimentos orgânicos.

4. CONCLUSÕES

Considera-se que há falta de informação no que diz respeito a produtos orgânico-alternativos por haver contradições nas falas dos entrevistados quanto à identificação dos mesmos.

Ainda existe uma pequena produção e comércio destes produtos alternativos à disposição das pessoas que se declararam dispostas a valorizarem mais por alimentos de tendências ecológicas.

Trabalhos na identificação da atual situação do desenvolvimento da agricultura alternativa na cidade de Ubá-MG tendem a favorecer produtores, consumidores e poder público com dados sobre o crescimento e desenvolvimento de quaisquer atividades dos setores que envolvam produtos orgânico-alternativos.

5. LITERATURA CITADA

CAMPANHOLA, C.; VALARINI, P.J. A agricultura orgânica e seu potencial para o pequeno agricultor. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.18, n.3, p.69-101, 2001.

CAMPOS, M.C. **Territorialização da agricultura orgânica no Paraná: Preservando o meio ambiente e produzindo alimentos saudáveis**. Tese de Mestrado – Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina, 2004.

CARVALHO, F.S. **O mercado de produtos orgânicos em Juiz de Fora-MG**. Escola Superior de Agricultura e Ciências de Machado: Machado, 2002.

DAROLT, M.R. **Por que os alimentos orgânicos são mais caros?** 2001. In: <http://www.planetaorganico.com.br/daroltporquealimentos.htm> (acessado em 19 de maio de 2010).

DAROLT, M.R. **Agricultura orgânica: inventando o futuro**. Londrina:

IAPAR, 2002. 250p. ISBN 85-88184-09-5.

DAROLT, M.R. **A qualidade dos alimentos orgânicos**. 2003. In: <http://www.planetaorganico.com.br/daroltqualid.htm> (acessado em 19 de maio de 2010).

GAZZONI, D.L. Agricultura orgânica. **Cultivar**, ano 4, n.40, p.10-11, 2002.

GUEDES, A.C.L. Agricultura e saúde: Interação ameaçada. **Agroecologia hoje**, ano II, n.7, p.24-25, 2001.

HAMERSCHMIDT, I. **Agricultura orgânica e segurança alimentar**. 2003. In: <http://www.planetaorganico.com.br/Iniberto.htm> (acessado em 19 de maio de 2010).

HARKALY, A. Perspectivas da agricultura orgânica no mercado internacional. **Boletim Agro-ecológico**, Botucatu: SP, v.3, n.11, p.8-11, Maio 1999.

IBGE. **População de Ubá-MG**. 2010. In: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> (acessado em 17 de maio de 2010).

IPARDES. **O mercado de orgânicos no Paraná: caracterização e tendências**. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social e Instituto Agrônomo do Paraná. Curitiba: IPARDES, 2007. 188p.

MELO FILHO, J.F. Síndromes de degradação do meio ambiente. **Bahia Agrícola**, v.3, n.3, p.38-44, 1999.

MENDES, B.V. **Biodiversidade e desenvolvimento sustentável do semi-árido**. Fortaleza, CE: SEMACE, 1997. 108p.

NAVARRO FILHO, C. (ed.) Sem agrotóxicos. **Negócios Agrícolas**, ano IV, n.1, p.49, 2002.

NEVES, M.C.P. Agricultura orgânica na União Européia. In: AQUINO, A.M.; ASSIS, R.L. **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. p.239-256.

RIBEIRO, L.M.; SOARES, A. Uma agricultura que não agride o meio ambiente. **Revista da EMATER-MG**, v.24, n.74, p.30, 2002.

ROEL, A.R. A agricultura orgânica ou ecológica e a sustentabilidade da agricultura. Universidade Católica Dom Bosco. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, v.3, n.4, p.57-62, 2002.

SANTOS, G.C.; MONTEIRO, M. Sistema orgânico de produção de alimentos. **Departamento de Alimentos e Nutrição da Faculdade de Ciências Farmacêuticas, UNESP**, Araraquara: SP, v.15, n.1, p.73-86, 2004.



SANTOS, R.H.S.; CAMPANHA, M.M.
Agroecologia. In: I Encontro Mineiro sobre
produção Orgânica de Hortaliças. **Anais...**
Viçosa, MG: UFV, 1998. 145p.

SCHIMAICHEL, G.L.; RESENDE, J.T.V. A
Importância da certificação de produtos orgânicos
no mercado internacional. **Revista Eletrônica
Lato Sensus**, UNICENTRO, Ano 2, n.1, 2006.
ISSN 1980-6116.

